

O IMPOSTO DE HONRA

O velho mundo vai mal.
E o governo damnado
Cobrando imposto de honra
Sem haver ninguem honrado
E como se paga imposto
Do que não tem no mercado?

Procurar honra hoje em dia
E' escolher sal na areia
Granito de polvora em braza
Innocencia na cadeia
Agua doce na marè
Escuro na lua cheia.

Agora se querem ver
O cofre publico estufado
E ver no Rio de Janeiro
O dinheiro Armazenado?
Mande que o governo cobre
Imposto de deshonorado.

Porem imposto de honra?
E' fallar sem ver alguem
Dar remedio a quem morreu

Tirar de onde não tem
Eu sou capaz de jurar
Que esse não rende um vintem.

Com os incendios da alfandega
Como sempre tem se dado
Dinheiro que sai do cofre
Sem alguém ter o tirado
Mas o apregado é rico
Faz isso e diz: sou honrado.

Dizia Wenceslau Braz
Com cara bastante feia
Diabo leve a pessoa
Que compra na venda alheia
O resultado dahi
É o freguez na cadeia.

Ora o Brazil deve a França
Mas a divida não foi minha
Agora chega Pariz
Tira o facão da bainha
E diz: quero meu dinheiro
Inda que seja em gallinha.

Seu fulano dos anzões
Entrou e metteu o páu
Pençou que tripa era carne
E gaita era birimbáu
Vão cobrar desse, elle diz.
Quem paga é seu Wenceslau.

Disse Hermes da Fonseca
Eu não tinha nem um x.
Mas achei quem emprestasse
Tomei tudo quanto quiz
Embora tivesse feito
A genota do Paiz.

Disse Pandiá Calogeras
Ha um geito de salvar
Cobre-se imposto de honra
Que ver dinheiro abrejar
Disse o Braz ninguem tem honra
Como se pode cobrar?

Appareceu uma parte
Do Rivadavia Correia
Não tem aqui entre nós
Divido a couza está feia
Não acha-se no senado
Procura-se na cadeia.

O major Deocleciano
Disse da forma seguinte
Na cadeia do Recife
Eu tive um constituinte
Entre elle e outros mais
Inda se pode achar vinte.

Disse o Dr. Rivadavia
Eu fiz doctor de 60
Dei carta aqui a quadrado

Que não escreve pimenta
Tem medico que receitando
Procura o pulso na venta.

Porem na minha algibeira
Secenta facho ficaram
Embora tenham sahido
Mais burro do que entraram
Dei diploma a creaturas
Que nem o nome assignaram.

E este imposto de honra
Está nas mesmas condições
Tira-se bom resultado
Onde houver muitos ladrões
Até mesmo a meretriz
Levará seus dez tostões.

Ella pagando imposto
Pode provar que é honrada
Tendo uns oito ou nove erros
Isso não quer dizer nada
Passa por viuva alegre
Ou uma meia cazada.

Qualquer ladrão de cavallo
Paga o que for exigido
Porque dessa data em diante
Não rouba mais escondido
Com o talão do imposto
Não o prendem é garantido.

Pelo menos eu conheço
Um tal chico gallinheiro
Que disse eu pago imposto
Tambem quem tiver pulleiro
Nunca mais ha de criar-se
Nem um pinto no terreiro.

Disse Marocas de todos
Oh ! couza boa damnada
Eu compro um vestido preto
E grito rapaziada
Meu marido não morreu
Mas eu ? sou viuva honrada.

Pago o imposto de honra
Boto no bolço o talão
E grito no meio da rua
Se apparecer um ladrão
Que diga não és honrada
Veja se eu provo ou não.

Esses diabos que hoje
Me chamam Marocas tinha
Quando eu pagar o imposto
Me tratam por Sinhasinha
Se for de tenente a cima
Chama donna Maroquinha.

Disse um zelador da noite
O imposto não é máu
Foi uma lembrança optima

Aquella do Wencesláu
O diabo é se o talão
Nãe livrar ninguem do páu.

Se a cousa for como eu penço
E não tiver seus conformes
Nós operarios noturnos
Teremos lucros enormes
Cada corador por noite
Nos rende dous uniformes

Dormindo o domno da casa
Dar-se a busca no quintal
Inda a policia chegando
Não pode nos fazer mal
Pois nós pagamos imposto
Ao governo federal

Disse um passador de sedula
Ai eu não sei o que faça
Se quem pagar o imposto
Poder passar sedula falça
Com uma eu pago o imposto
Sai-me a receita de graça.

Disse Zé frango esse imposto
Chegando eu tenho que pagal-o
O pago com sacrificio
Mas também tenho o regalo
Quem me chamava Zé frango
Ha de chamar Zêca-gallo

Dizia João caloteiro
Está muito bem isso assim
Benza-te Deus Wenceslau
Deus te ajude até o fim
Eu hei de ver se o commercio
Ainda cobra de mim.

Tem dia que lá em casa
Eu desespero da fé
Ouço baterem na porta
Vou abrir e ver quem é
Acho na porta escorado
O caixeiro do Café.

Antes de desenganal-o
Chega o damnado da venda
O sapateiro de um lado
E o turco da fazenda
O recado do açougue
A velha cobrando a renda.

Nisso chega outro diabo
Com um recibo na mão
Antes de chegar pergunta
Se eu tenho dinheiro ou não
Ou o dinheiro ou a chave
Manda dizer o patrão.

Eu pagando esse imposto
Fico disso descançado
Quando um bater-me na porta

Digo puche desgraçado
Eu pago imposto de honra
Não sou desmoralizado

Embora roube de alguém
O imposto hei de pagar
Mas todo mundo já sabe
Na bodega que eu chegar
Nem pergunto pelo preço
É só mandar embrulhar.



5
N

O MARCO BRAZILEIRO

Eu edifiquei um marco
Para ninguém derrubar
E se houver um teimoso
Que venha experimentar
Verá que nunca fiz couza
Para homem desmanchar.

5
N

O marco do velho Barros
É obra desconhecida
Porque no fundo do mar
A pedra foi escolhida
O objecto maior
Que o homem viu nesta vida

Uma viagem espinhosa
Fiz eu propositalmente
Andei na Asia Maior
Corri o grande Oriente
Afim de achar uma pedra
Que fosse suficiente

Depois voltei ao Egypto
Fui ao Nilo procurar
Nas pirâmides do Egypto

Não foi possível encontrar
Vim achar perto dos andes
Porém no fundo do mar

Cento e vinte mil guindastes
Levei para suspendel-a
Novezenta submarinos

Para ajudarem erguel-a
Setecentos mil vapores
Quasi não podem trasel-a

Dei parte que tinha achado
Ao continente Europeu
França deu-me parabens
A Rússia me agradeceu
A Austria felicitou-me
Allemanha me escreveu

A Inglaterra também
Mandou filicitação
Mandou um ministro seu
Trazer-me aqui um cartão
Que dizia muito obrigado
Sua consideração

Afinal apromtei tudo
Puz a pedra em seu lugar
Depois que ficou em prumo
Tudo veio apreciar
Quatorze leguas de sombra
Faz ella dentro do mar

E essa pedra foi lavrada
Com a maior presunção
Por escultores peritos
De grande abilitação
Tem pequena differença
Do templo de Salomão

A pedra que forma o marco
Tem tres leguas de grossura
Entrou na areia do mar
Dous mil metros de fundura
E da flôr d'agua p'ra cima
Tem vinte leguas de altura

A pedra é uma piramyde
Tem no pé uma calçada
E' como um fuso de prensa
Mas a rosca é uma estrada
Em cima onde termina
Tem uma grande esplanada

Em metade dà esplanada
Mandei botar muita terra
Para obiter isso assim.
Demoli toda uma serra
E então da outra metade
Fiz uma praça de guerra

E essa parte que tem terra
Faz chamar toda attenção
Onde ver-se o grande viço

E coberto com cristal
O ladrilho de saphira
Tudo dalli é metal.

As portas são de platina
As rotulas são de esmeraldas
De forma que inda a noite
A casa estando feixada
Parese a quem tiver dentro
Que vem rompendo alvorada

Fiz um corêto p'ra musica
Que não encontrou rival
E' impossivel se ver
Em obra material
Inda não houve quem visse
Um outro tão coloçal

Tem alli dous quadros grandes
Que chamam tudo attenção
Tem o retrato de Deus
Quando fez a criação
Gehovah massando barro
No dia que fez Adão.

Está o marco do velho
Quem quizer pode chegar
Se existir um poeta
Que deseje o derribar
Traga ferramenta boa
Está elle ahi pode entrar

Agora tem uma couza
Quem quizer o derribar
Se tiver religião
Acho bom se confessar
Porque quem olhar de fora
Desce logo voltar

Não ha nada que o offenda
Alli é livre a passagem
Porem existe uma couza
Que tem grande desvantagem
Quem não tiver boa perna
Não vai que perde a viagem

Porem se houver um teimozo
Vá e veja como é
Acho bom logo ao sahir
Resar o acto de fé
Levar tres nomes escriptos
Jesus, Maria e José.

A viagem é perigosa
Divido ao mar ser bem fundo
Porque eu finquei o marco
Num oceano profundo
Quem fizer tenção ir la
Diga logo adeus ao mundo

O diabo um dia disse,
Vou ver isso o que será
Disse ao voltar ao inferno

Quase que eu não volto cá
Num precipicio daquelle
Um cachorro que vá lá.

Um dia que Geovah
Vizitou esse jardim
Viu jarros feitos de nuvens
Com muitas rosas e jasmim
Perguntou ao jardineiro
Quem foi que fez isso assim?

Estas tão garbosas flores
Que tem aqui nestes jarros?
Disse um dos operarios
Que trabalhava nuns carros
Isso é do velhe poeta
Leandro Gomes de Barros.

Foi esse o primeiro marco
Que desde que escreve fez
Em vinte e oito de Junho
De novecentos e dezeseis
Foi lembrança de um amigo
A pedido de um freguez.

6041

dupa

— Typ. da POPULAR EDITORA —
Rua da Republica 65 — Parahyba

LCB